



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA-PB
CENTRO DE HUMANIDADES – “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/INGLÊS.**

JOSÉ WELLINGTON ALVES DA COSTA

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: MANIPULAÇÃO E PODER EM NAPOLEÃO

GUARABIRA-PB

2019

JOSÉ WELLINGTON ALVES DA COSTA

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: MANIPULAÇÃO E PODER EM NAPOLEÃO

Trabalho de conclusão de curso (TCC),
apresentado a coordenação do curso de
letras da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura Plena em
Letras/Inglês.

Área de Concentração: Literatura

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sueli Meira Liebig

GUARABIRA-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837r Costa, José Wellington Alves da.
A Revolução dos Bichos [manuscrito] : manipulação e poder em Napoleão / Jose Wellington Alves da Costa. - 2019.
32 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Sueli Meira Liebig , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Poder. 2. Discurso. 3. Revolução dos Bichos. 4. Napoleão. I. Título

21. ed. CDD 823

JOSÉ WELLINGTON ALVES DA COSTA

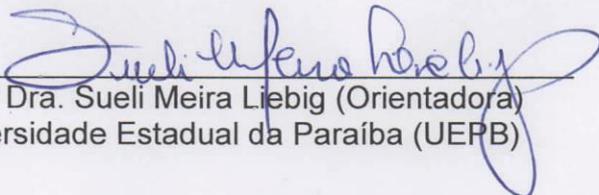
A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: MANIPULAÇÃO E PODER EM NAPOLEÃO

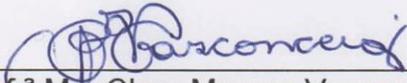
Trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado a coordenação de letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras/Inglês.

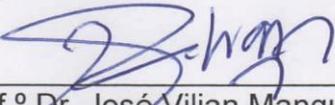
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 28 / 11 / 19.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Sueli Meira Liebig (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a M^a. Clara Mayara Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^o Dr. José Vilian Mangueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por ser sempre meu porto seguro, por dar forças, sabedoria e coragem nos momentos de fraqueza, pois sem sua graça eu nada conseguiria.

Aos meus pais Severino e Irene, que com humildade, me incentivaram muito, com seus conselhos, dedicação e amor.

À minha família e meus amigos pela contribuição maravilhosa ao longo da minha caminhada.

Um agradecimento especial as minhas irmãs, Márcia e Rita pela admiração e incentivo.

À minha namorada Jaiane, pela lealdade, incentivo e cumplicidade, e por tornar os meus dias mais felizes.

À minha orientadora Sueli Liebig, pela paciência, dedicação, e valiosas sugestões que não só contribuíram para a elaboração deste artigo, mas que serão indispensáveis para minha vida acadêmica.

A todos os professores, que durante a jornada do curso contribuíram direta e indiretamente para minha formação, pela credibilidade, respeito e carinho para comigo. Em especial, deixo meu profundo agradecimento a Verônica Lima, professora com a qual tive meu primeiro contato no campus, em ensino de Língua Inglesa.

E a todos meus colegas, merecendo destaque, Aline, Jonas, Luceline e Tamires e a Jailson, pessoas por quem tenho grande apreço e que foram um norte.

A todos aqueles que estiveram ao meu lado fazendo parte desta conquista, meu Muito Obrigado!

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: MANIPULAÇÃO E PODER EM NAPOLEÃO

José Wellington Alves da Costa¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise do discurso do porco Napoleão presente no romance da literatura inglesa *A Revolução dos Bichos*, publicada em 1945 por George Orwell. A discussão da obra ocorre em torno do discurso de Napoleão, cuja oratória tem o intuito de manipular os demais personagens. Dessa maneira, os animais passam a obedecer aos preceitos do animalismo, em prol de um único ideal, o de uma utopia ou sociedade perfeita. Para fundamentar nossa discussão nos baseamos nos seguintes aportes teóricos: CÂNDIDO (2008), ORLANDI (2012), FOUCAULT (1996), SILVA E SEIDEL (2016), entre outros que dialogam com o tema proposto. Ao analisar o poder do discurso do líder da fazenda dos bichos, concluímos que, através do recurso alegórico, Orwell acaba gerando uma distopia, na medida em que Napoleão, ao ganhar o poder, torna-se efetivamente um membro da classe burguesa que ele tanto combate.

Palavras-chave: Discurso. Poder. Revolução dos Bichos. Napoleão.

ANIMAL FARM: MANIPULATION AND POWER IN NAPOLEON

ABSTRACT

This article aims to make an analysis of the speech of the pig Napoleon presented in the English novel *Animal Farm*, published in 1945 by George Orwell. The discussion of the work occurs around of the speech of Napoleon, whose oratory has the aims to manipulate the other characters. In this way, animals begin to obey the precepts of animalism, in favor of a single ideal, that of a utopia or perfect society. To support our discussion, we base ourselves on the following theoretical contributions: CÂNDIDO (2008), ORLANDI (2012), FOUCAULT (1996), SILVA and SEIDEL (2016), among others that dialogue with the proposed theme. In analyzing the power of the speech of the animal farm leader, we conclude that through the allegorical resource Orwell, it generates a dystopia, as Napoleon, in gaining power, effectively becomes a member of the bourgeois class he fights so hard. .

Keywords: Speech. Power. Animal Farm. Napoleon.

¹ Aluno de Graduação de Letras/Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: wellingtonalves.oficial01@gmail.com

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	UTOPIA OU DISTOPIA?	9
3	O QUE É PODER	14
4	REVOLUÇÃO DOS BICHOS: NAPOLEÃO	17
5	UMA GRANDE ALEGORIA: PERSONAGENS FICTÍCIOS VERSUS PERSONAGENS HISTÓRICOS.	21
6	REVOLUÇÃO DOS BICHOS	25
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo fazer uma leitura do romance *Animal Farm* (*A Revolução dos Bichos*), do escritor inglês George Orwell, publicado em 1945, tornando-se um clássico da literatura inglesa. A obra é uma alegoria que satiriza a Revolução Russa de 1917 e de seus respectivos personagens históricos e ressalta o fato de que seus princípios iniciais teriam sido por estes esquecidos. Com base nessa observação, podemos dizer que os personagens da revolução dos bichos também esqueceram seus ideais.

De acordo com Antônio Candido (2008), “A literatura é um sistema vivo [...] agindo uma sobre as outras, sobre os leitores e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (p.31). Nesse sentido, podemos então supor que a literatura se projeta em direção ao público como um instrumento de comunicação para que as pessoas possam decodificar a sua mensagem e assim tomar algum partido. Neste contexto, podemos compreender que o romance *A Revolução dos Bichos* também mostra o poder do discurso como forma de gerar situações a partir de fatos que levam os personagens a viverem em conflito, em decorrência do autoritarismo de Napoleão. Assim o autor usa a literatura para fazer, como demonstra Candido:

[...] uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude [...] do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor de sentir e apreciar. (2008, p. 63)

Devemos ter em conta que não existe um discurso neutro. Como assegura Foucault em *A Ordem do Discurso* (2009), o poder também pode corromper as pessoas, como veremos no caso específico da fala de Napoleão no decorrer deste estudo. A nossa análise baseia-se fundamentalmente nos aportes teóricos de ARARIPE (2009), DUBOIS (2009), CÂNDIDO (2008) e CATANI (1999), autores que dialogam com Michel Foucault no que diz respeito ao conceito de poder. O estudo está distribuído em sete tópicos: No primeiro fazemos uma breve introdução sobre o romance *A Revolução dos Bichos*, onde colocamos como objeto de estudo o tema

proposto, o poder do discurso, para compreendermos a importância da literatura como prática social. O segundo faz uma reflexão sobre a Utopia imaginada pelos animais, que seria a construção de uma sociedade ideal, que tem por objetivo construir uma república com base nos princípios do animalismo².

A terceira parte faz uma reflexão sobre poder do discurso, com base nos aportes teóricos de Michel Foucault, em que Napoleão utiliza a sua verve de forma autoritária, em prol de seus objetivos pessoais, tornando-se o principal líder da revolução.

Na quarta parte fazemos a relação entre Stálin, personagem histórico, e Napoleão, personagem fictício, para expor o poder do discurso, em que ambos os personagens tenta implantar um sistema ditatorial.

Na quinta parte, fazemos uma comparação entre os demais personagens históricos e fictícios, para compreender a analogia feita pelo autor George Orwell entre ambas as revoluções, a Russa e a revolução dos bichos.

Na sexta parte trazemos alguns diálogos para ilustrarmos a crítica de George Orwell à Revolução Russa e seus representantes.

E na sétima e última parte tecemos as considerações finais onde, de forma objetiva, argumentamos sobre a manifestação de poder em Napoleão.

2 UTOPIA OU DISTOPIA?

Quando fazemos a leitura do romance *A Revolução dos Bichos* compreendemos que o ideal de sociedade “perfeita”, tal como a apresenta o discurso de Major, traduz-se em uma distopia, porque se mostra impossível organizar uma sociedade perfeita nos moldes por ele idealizados. De acordo com Santos, Matos, & Oliveira, apud Figueiredo (2010, p.6) as distopias “mostram um mundo onde os sujeitos são submetidos a um poder central, totalitário e têm suas liberdades individuais continuamente cerceadas [...] em nenhuma dessas obras [...] os sujeitos parecem estar insatisfeitos, ao contrário, a massa parece devidamente organizada e feliz”. Mas isto também pode ser entendido como uma forma de alienação.

É importante compreender que dentro deste contexto da narrativa o animalismo é concebido de forma utópica e sinaliza que existe um discurso

² Sistema de pensamento que propõe a igualdade entre os animais da Granja do solar, na obra *A Revolução dos Bichos*.

autoritário por parte dos idealizadores da revolução, mas isto só vai ficar cada vez mais explícito na medida em que Napoleão vai conquistando mais espaço em relação aos demais personagens. É por isto que enfatizamos neste momento a relação entre utopia e distopia em relação às ideias iniciais de Major, bem como depois de sua morte a continuidade desses ideais no governo de Napoleão.

Dessa forma, o princípio do animalismo, nos mostra que todos os homens seriam considerados inimigos e, por serem inimigos, eles seriam ruins e os animais deveriam desprezá-los, pois não poderiam viver em paz com eles. Vejamos o que dizem os seus sete mandamentos:

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo
2. O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupa.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais. (ORWELL, 2007, p. 25)

Ao analisarmos esses mandamentos podemos visualizar que eles foram sendo modificados durante o governo de Napoleão. O quarto, o quinto, o sexto e sétimo mandamentos foram alterados e os animais, embora confusos, concordam como que ali está escrito.

O quarto mandamento dizia que “Nenhum animal dormirá em cama”, tendo sido alterado para “Nenhum animal dormirá em cama com lençóis”; o quinto dizia: “Nenhum animal beberá álcool”, ao que foi acrescentado, “Nenhum animal beberá álcool em excesso”; o sexto dizia que “Nenhum animal matará outro animal” sendo mudado para “Nenhum animal matará outro animal, sem motivo” e o sétimo, que dizia: “Todos os animais são iguais”, sofreu um acréscimo significativo: “ Todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros”. Esta reescrita também pode ser entendida como uma forma de apagar a memória dos animais, que de certa maneira vão assimilando cada dia mais os ensinamentos de Napoleão.

Segundo a narrativa, ao fazer com que os animais sejam doutrinados por meio de suas ideias, o dissimulado porco faz de tudo para demonstrar que existe um bem-estar coletivo durante o seu governo, o que não só caracteriza a ilusão de uma falsa paz, mas também revela a manifestação de poder presente em seu discurso, sempre de forma intencional, porque ele se utiliza de artimanhas e estratégias para induzir os bichos a acreditarem em seu plano de governo, persuadindo-os. É neste momento que Napoleão aceita a volta do corvo Moisés como estratégia para que os

bichos continuem acreditando em suas histórias. Uma delas “Afirmava a existência de uma região misteriosa, a montanha de Açúcar-Cande, para onde iam os animais após a morte” (ORWELL, 2007, p.20).

Os relatos do parágrafo anterior referentes a Moisés nos mostram que ele está a serviço de Napoleão e que os bichos, ao exercerem as suas funções no extenuante trabalho e recebendo uma ração mínima para viver, acreditam que herdarão um lugar no céu. Com o estabelecimento daquele governo ditatorial, percebemos que “havia chegado uma época em que ninguém ousava dizer o que pensava, [...] não tinha em mente ideias de rebelião ou desobediência” (ORWELL, 2007, p.72). Os animais sabiam que não podiam mais voltar atrás e aceitavam que as coisas estivessem melhores do que antes, quando a granja era comandada pelo Sr. Jones.

Quando observamos a forma como Napoleão se articula compreendemos que *A revolução dos bichos* é um texto complexo e reflete uma narrativa que nos possibilita ter outros olhares em relação à trama, por isto é importante compreender o processo que culminou com a revolução, feita pelos animais. Ao fazermos uma comparação com a Revolução Russa de 1917, percebemos que ela também parte do princípio de existir igualdade entre os homens, mas com o decorrer do tempo, o sonho de uma república ideal é modificado, destruindo de vez o anseio de um povo oprimido de viver em um sistema igualitário.

Tomas Morus também expressa a sua crítica aos líderes autoritários russos, que promovem uma distopia ao usar o poder para manipular, escravizar e oprimir as pessoas de acordo com os seus objetivos e em prol de um ideal inalcançável. Corroborando as palavras de Morus, Dubois nos diz que:

A utopia como gênero literário nasceu do desejo racional do homem de guiar seu próprio destino e o da humanidade de forma crítica. Não podemos deixar de citar Thomas More, criador da palavra, através de sua obra *Utopia*, nome dado ao seu país imaginário. A partir disso, utopia passou a ser “a descrição dos aspectos constitutivos imaginários de uma sociedade ideal” (2009, p.22).

A citação acima também reforça a utopia da narrativa de Orwell presente no discurso de Major logo no início do romance, em que ele é apresentado como um porco criado na granja do solar do senhor Jones só para procriar. Então “[...] se pensarmos na história da Revolução Russa paralelamente à obra de Orwell, o

senhor Jones representa a monarquia e a burguesia russa (respectivamente, os sistemas absolutista e capitalista) que exploravam o proletariado. [...]” (SANTOS, MATOS & OLIVEIRA, 2010, p. 4). De acordo com eles, esse olhar utópico mostra que

[...] o idealismo utópico de sociedade “perfeita” no discurso da personagem porco Major, na possibilidade de se efetivar quando da ascensão dos porcos ao poder, resulta em uma distopia. Orwell começou a escrever *Animal Farm* em novembro de 1945 e terminou três meses depois. Porém, não conseguia publicá-la devido à situação política da época, ou seja, havia uma rígida divisão de nações que terminaram por formar os dois grandes grupos inimigos que deflagraram a Segunda Guerra Mundial durante o período de 1939 a 1945: Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e Aliados (Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos). Desse modo, sendo a Inglaterra aliada de guerra da URSS, não convinha que se publicasse algo que falasse mal dos aliados, o que aconteceu com o livro de Orwell, porque se tratava de uma denúncia do que ocorria na Rússia soviética, e também, de uma ofensa ao líder soviético Stálin: (p.1)

A citação acima expõe o contexto histórico no momento em que o autor escreve o romance *A revolução dos bichos*, e também reforça a utopia criada pelo porco Major e por seus auxiliares. É nesse sentido que *A Revolução dos Bichos* se torna “uma distopia a partir do momento em que o poder é centrado nas mãos de um indivíduo ou grupo”. (SANTOS, MATOS, OLIVEIRA, 2010, p. 6). No romance de Orwell, este poder é dado aos porcos por eles serem os mais inteligentes entre todos os animais. Essa inteligência é relacionada não só a Napoleão, mas também a Bola-de-Neve e Garganta, mas é preciso ressaltar que os dois últimos usam de perspicácia e da oratória para convencer não só os demais bichos de que eles possuem capacidade para administrar a granja e fazê-la prosperar, como também faz um discurso político ao prometer aos animais uma vida de paz, sem a exploração humana. Ironicamente o seu discurso político se transforma em um regime ditatorial, onde os animais também praticam a atividade comercial, prática esta que é feita pelos humanos.

É nesse sentido que o autor faz a sua crítica, ao comparar elementos característicos da antiga URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) com personagens fictícios. A granja do solar será o *lócus* espaço-temporal em que irá se desenvolver a sátira utópica de Orwell, que dá vazão aos planos e objetivos dos líderes da revolução dos animais. Tudo que eles precisam para a sua sobrevivência

é produzido por eles mesmos na própria granja, que após a rebelião passa a se chamar Granja dos Bichos. O ilusório nome da Granja também expressa o engodo de disfarçar interesse dos líderes da revolta.

Quando observamos as manifestações do discurso de Napoleão compreendemos os seus interesses, pois até a narração da construção do moinho de vento, em síntese, representa o plano visionário de um modo de produção ao qual os líderes da revolução dos bichos almejavam. Segundo Santos, Matos e Oliveira (2010, p. 7), a ideia do moinho é a “metáfora da construção de uma URSS Socialista. Porém, assim como o moinho de vento, o socialismo na Rússia não alcançou os fins desejáveis, que deveriam ser a defesa da classe operária para proporcionar uma qualidade de vida melhor”. O que seria um plano para aumentar a produção de alimentos e gerar mais conforto resulta na seguinte constatação:

Todo aquele ano, os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforço ou sacrifício, cientes de que tudo quanto fizessem reverteria em benefício deles próprios e dos de sua espécie, [...] e não em proveito de um bando de seres humanos preguiçosos e aproveitadores. [...] Esse trabalho era estritamente voluntário, porém o bicho que não aceitasse teria sua ração diminuída pela metade (ORWELL, 2007, p.52).

A citação acima reforça a leitura política do romance, mostrando que a manifestação do poder do discurso em Napoleão induz os animais ao trabalho voluntário e que, assim como o ser humano, os porcos também se utilizam do discurso para alcançar os seus próprios interesses.

O romance de Orwell, à primeira vista, pode até parecer uma simples história infantil em que os donos da fazenda subjagam os animais aos seus próprios interesses. Entretanto, quando os animais se rebelam, eles deixam de ser antagonistas para se tornarem protagonistas de uma história que, devido a acordos econômicos e interesses políticos, a cúpula dos animais se comporta exatamente como todos os homens.

Enfim, apesar de o romance ser uma história fictícia onde os animais são antropomorfizados e passam a ter práticas e hábitos sociais iguais aos humanos, a narrativa tem ainda por objetivo falar das relações humanas, que são construídas e consolidadas, mas com o tempo acabam por vezes se transformando em fator de conflito social gerador de guerras em nome do poder.

3 O QUE É PODER

Quando direcionarmos o olhar à manifestação de poder presente no discurso de Napoleão observamos que “o texto literário instiga o leitor a compreender os fenômenos a partir de diferentes perspectivas, confrontando, assim, nossas verdades com verdades de outrem.” (SILVA e SEIDEL, 2016, p.19). A partir desse argumento, passamos a entender as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Para compreender esses diferentes posicionamentos referentes as questões políticas, econômicas e culturais, é necessário ressaltar ainda que um texto literário também pode expressar um contexto histórico particular e através dele abordar questões que, independentemente do tempo ou da época, podem se tornar atual e assim ressaltar possíveis semelhanças entre o passado e o presente.

Este é o caso específico de *A Revolução dos Bichos*, em que o autor faz uma sátira ao comunismo ao tocar no tema da revolução russa e estabelecer incontestáveis semelhanças dos personagens com os líderes da Revolução Russa Lênin, Stálin, Trotski, entre outros. A partir daí compreendemos o porquê de a obra ter sido “[...] censurada e rejeitada pelos editores, pois a proposta do autor se lhes afigurou dura crítica ao Estado totalitário, que [...] era encabeçado por Stálin” (ARARIPE, 2009, p.5), líder da Revolução Russa, que através do poder de seu discurso ludibriou a massa e posteriormente revelou-se um ditador. Segundo Michel Foucault (2001), o poder...

se define pela repressão, [...] identifica-se o poder a uma lei [...]. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa [...] você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. (p.8)

Ainda na mesma perspectiva de definir o conceito de poder, Gérard Lebrun (1984) afirma que “o poder é mercadoria rara, que só podemos possuir às custas de outra pessoa” Ou ainda que “o poder que possuo é a contrapartida do fato de que alguém não o possui”. (p.18). As citações acima reforçam, portanto, como esse discurso pode ser feito de forma intencional para manipular a classe oprimida e, impor o autoritarismo.

Esta relação entre o poder do discurso e a literatura ainda nos mostra que o autor se apropria da linguagem como instrumento de comunicação para expor os

seus pensamentos. Sendo assim, em relação ao personagem Napoleão a manifestação de poder “[...] não se manifesta somente nas relações existentes no campo da política e no direito. O poder existe em toda e qualquer relação intersubjetiva com mais ou menos intensidade, sendo um mecanismo psicológico” (ARARIPE, 2009, p.9) porque, através de argumentos, um determinado líder tem o poder de persuadir, e assim influenciar no comportamento de outras pessoas.

Sendo assim, compreendemos que o poder, além de se tornar um fator de corrupção também reprime os pensamentos e faz com que as pessoas se submetam de forma passiva a um sistema repressor. Em suma, o poder “é o nome atribuído a um conjunto de relações que formigam por toda a parte na espessura do corpo social” (LEBRUN, 1984, p.20).

Ainda neste contexto, o discurso repressor de Napoleão não só interfere nos pensamentos dos animais, mas também faz com que eles trabalhem e produzam sempre mais e mais. Esta forma de produção descrita na narrativa, se comparada com os argumentos de Karl Marx, nos faz compreender a exploração do proletariado como força de trabalho para sustentar a burguesia. Como assegura Marx:

O controle está na mão de uma única classe, ou seja, a burguesia transformada em grupo de pressão. Dona absoluta dos meios de produção aliados ao poderio político, ela submete a sociedade total aos modelos de comportamento dirigidos para seus interesses. “Em uma palavra, no lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, ela implantou uma exploração aberta, declarada e brutal”. (Marx, 2011, p.45)

Quando fazemos uma comparação da Revolução Russa com *A Revolução dos Bichos*, compreendemos que do mesmo modo o socialismo idealizado por Lênin foi alterado em seus fins, gerando conflitos. De modo idêntico, no universo rural da Granja do Solar, instalou-se a idealização de uma república socialista, onde seres completamente diferentes uns dos outros mas iguais em sua condição de classe também almejam viver em harmonia, mas após estarem sob o comando de Napoleão viram-se experimentando uma ditadura: naquele momento já não existia mais a distinção de espécies; os porcos haviam se tornado iguais aos homens.

Ainda é importante destacar que no enredo, “A tarefa de instruir e organizar os outros recaiu naturalmente sobre os porcos, [...] os mais inteligentes dos bichos [...] Bola-de-Neve e Napoleão” (ORWELL, 2007, p.18) e o porquinho Garganta.

Todos eles exercem alguma relação de poder entre os animais, apesar de Napoleão ser o principal líder.

A narrativa descreve Napoleão como um porco de aparência ameaçadora, porém determinado em suas conquistas; Bola-de-Neve é retratado como sendo o mais ativo entre eles e Garganta é tido como sendo o mais astuto. Isto já nos revela o porquê de ele ter se tornado o principal líder. Esta descrição dos porcos já é uma forma de o autor mostrar o quanto eles se tornaram importantes, cada um com suas características e qualidades, que a princípio poderiam transmitir confiança, e dessa forma, eles conquistaram o status de líderes. É importante colocar, que a aceitação de um líder é necessária para que aconteça a prática da liderança, mas é preciso compreender que dentro desse processo um aliado pode transforma-se em um grande inimigo. No romance temos o exemplo de Bola-de-Neve comparado ao Trotski da Revolução Russa.

Com base nesses exemplos, percebemos que é por meio do discurso onde são forjados os argumentos de quem é inimigo ou quem é aliado. A narrativa mostra que Garganta, um dos auxiliares de Napoleão, tenta culpar Bola-de-Neve, por não aceitar o que está acontecendo naquele momento, acusando-o de traidor, quando diz: “Napoleão nunca fora contra a construção do moinho de vento [...] Ele fingira ser contra [...] apenas como manobra para se livrar de Bola-de-Neve, que é um péssimo caráter e uma influência perniciosa para todos vocês” (ORWELL, 2007, pp.50-51).

Os argumentos do parágrafo anterior mostram que é neste momento que as estratégias também se tornam um recurso a ser usado por Napoleão, que percebe que é preciso uma aproximação com os animais e diz em seu discurso que nada poderia estar mais longe da verdade! Seu único desejo, agora como no passado, seria “viver em paz e gozando de relações normais com os seus vizinhos” (ORWELL, 2007, p.110). Mais uma vez o porco coloca em evidência o grande motivo que os levou a se rebelarem contra os humanos na tentativa de mostrar que o ideal ainda continua sendo o mesmo, e que nada havia mudado entre eles.

Ao fazermos esta leitura, observamos, em consonância com Silva e Seidel (2016, p.18), que “a revolução, dessa maneira, torna-se uma antítese de si mesma. [...] O movimento de oposição/tensão entre os animais não humanos na obra” porque não se trata de uma luta de liberdade em prol dos demais bichos da fazenda, mas uma luta do porco Napoleão pela conquista de um poder centralizado para reprimir e escravizar os outros animais.

Agindo dessa forma Napoleão faz com que seja impossível “[...] distinguir quem era homem, quem era porco” (ORWELL, 2007, p.112). E assim, os porcos tornam-se parecidos com os seres humanos. E eles passam a reproduzir os mesmos conceitos de organização social humana, estabelecendo uma distinção de classes.

Portanto, quando Orwell retrata os líderes da revolução dos bichos com características humanas, incorporando sua cultura, seus hábitos e comportamentos, eles não só escravizam os animais, mas também se apropriam de antigos valores atribuídos aos seres humanos, como, por exemplo, jogar cartas, beber álcool, fumar charutos, vestir roupas, realizar atividades comerciais e reuniões. É através de tais práticas que eles se constroem socialmente e, a partir dessa construção social, podemos observar a crítica do autor ao socialismo, uma ideologia polêmica que resultou na revolução russa de 1917.

4 A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: NAPOLEÃO

O desejo de ter um país democrático e igualitário fez com que fossem propagadas as ideias socialistas e estas ideias foram os motivos que levaram à eclosão da Revolução Russa, que tinha por princípio da igualdade social, cuja referência é a teoria de Karl Marx. Segundo Catani (1999):

Maurice Dobb, tentando conceituar o capitalismo da maneira mais simples possível, afirma que ele é um sistema em que os utensílios e as ferramentas, edifícios e matérias-primas com que é obtida a produção – capital, numa palavra – são predominantemente de propriedade privada ou individual. Em linguagem um pouco mais técnica, Karl Marx o havia definido como um modo de produção cujos meios estão nas mãos dos capitalistas, que constituem uma classe distinta da sociedade (pp.16-17).

Desta forma, o movimento conhecido como a Revolução Russa de 1917, tinha por base a teoria de Karl Mark, e era liderado por Vladimir Lênin, com o apoio dos bolcheviques³. Ele tinha o intuito de fazer com que os trabalhadores lutassem em prol de seus objetivos para que a população da Rússia pudesse ter uma melhor qualidade de vida e, ao assumir o governo, Lênin instaura o Socialismo, que pode

³ Termo que significa “maioria” grupo que defendia a conquista do poder pelos trabalhadores de forma imediata, mediante a luta revolucionária para derrubar a monarquia absolutista transformar a sociedade russa.

ser descrito como um sistema político e econômico que combate o liberalismo econômico e o sistema capitalista.

Ao entrar em confronto com os sistemas capitalistas de cunho liberal, Lênin propôs o fim da propriedade privada e a divisão de bens. Desta maneira as terras foram repartidas, as fábricas ficaram sob o comando dos trabalhadores e os bancos foram todos nacionalizados.

É preciso ressaltar que dentro do partido comunista já havia discórdias que geravam desentendimentos e que ao assumir o governo Stálin implanta um regime autoritário totalmente condizente com uma ditadura.

É a partir da aproximação entre Stálin e Napoleão que compreendemos a alegoria pretendida no romance, pois o poder dos discursos pronunciados por eles é o que os classifica como sendo os grandes líderes de suas respectivas revoluções socialista. Como observa Tragtenberg (1988):

Após a morte de Lenin e a ascensão de Stalin ao poder, este expulsará Trotski da URSS, perseguirá seus adeptos organizados como oposição de esquerda, pressionará outros à retração e porá em prática a tese da industrialização acelerada do trotskista Preobrajenski. O pequeno proprietário de terras, criado pela Reforma Agrária de Lenin, será enquadrado em fazendas estatais. (p.123)

Neste contexto onde se faz presente a rivalidade entre os personagens históricos Josef Stalin e Leon Trotski, também visualizamos a discordância entre os personagens fictícios Napoleão e a Bola-de-Neve, em que o primeiro usa o seu discurso para convencer os animais de que tudo está em perfeita harmonia e depois lança entre eles o medo e a dúvida ao apontar Bola de Neve como sendo um grande traidor, que ele passa a perseguir.

Todas as ações de Napoleão ou de seus aliados são voltadas para ter o controle das coisas e para impingir a ideia de que Bola-de-Neve é o grande inimigo. Isto só acontece devido à manifestação do poder presente no seu discurso, que é feito com a intenção de ludibriar os bichos, levando-nos a concluir que nenhum discurso pode ser compreendido de forma neutra, esvaziada de sentidos. Por isto, sempre vai existir um motivo consoante com os objetivos de quem o está produzindo. Napoleão consegue facilmente manipular os animais para que eles o obedeçam por ter como um de seus principais aliados e fiel mensageiro, o porco Garganta, e este, por possuir o poder da palavra ao saber discursar como ninguém, consegue com êxito, convencer todos os animais, de que seu líder tem sempre

razão. Os animais, por serem analfabetos, não conseguem raciocinar com clareza sobre as palavras de Garganta. Além do mais são impedidos pelos cães ferozes de dar qualquer opinião contrária. Em seu discurso, Garganta diz o seguinte:

Tenho certeza de que cada animal compreende o sacrifício que o Camarada Napoleão faz ao tomar sobre seus ombros mais esse trabalho. Não pensem, camaradas, que a liderança seja um prazer. Pelo contrário, é uma enorme e pesada responsabilidade. Ninguém mais que o Camarada Napoleão crê firmemente que todos os bichos são iguais. Feliz seria ele se pudesse deixar-vos tomar decisões por vossa própria vontade; mas às vezes poderíeis tomar decisões erradas, camaradas; e então, onde iríamos parar? Suponhamos que tivésseis decidido seguir Bola-de-Neve, com suas miragens de moinho de vento – logo Bola-de-Neve, que, como hoje sabemos, não passava de um criminoso? (ORWELL, 2007, p.48-49).

A citação acima reafirma a manifestação do poder por meio do discurso, uma vez que o personagem tem por objetivo destruir a reputação do porco Bola-de-Neve; desta maneira, mesmo que *A Revolução dos Bichos* pareça uma narrativa ingênua ao primeiro olhar, ao relacionar pessoas, animais e eventos “denuncia mais do que a traição dos ideais da revolução [...]” (VOGT, 2007, p. 243). O romance mostra que o discurso pode ser produzido sobre várias formas estabelecendo diferentes olhares. .

Outro fator de grande importância que também podemos associar à forma de controle de Stalin é o autoritarismo de Napoleão por meio de suas ações ao impor, por exemplo, a sua proibição da execução da “Canção Bichos da Inglaterra”. Esta pode ser vista como uma estratégia para também apagar a memória dos animais, e também funciona como uma estratégia para implantar um regime ditatorial através da disseminação do medo.

A canção diz assim:

Bichos da Inglaterra e da Irlanda, / Daqui, dali, de acolá, / Escutai a alvissareira, / Novidade que virá. / Mais hoje, mais amanhã, / O tirano vem ao chão, / E os campos da Inglaterra / Só os bichos pisarão. / Não mais argolas nas ventas, / Dorsos livres dos arreios, / Freio e espora enferrujando, / E relho em cantos alheios. / Riqueza incomensurável, / Terra boa, muito grão, / Trigo, cevada e aveia, / Pastagem, feno e feijão. / Lindos campos da Inglaterra, / Ribeiros com águas puras, / Brisas leves circulando, / Liberdade nas alturas. / Lutemos por esse dia / Mesmo que nos custe a vida. / Gansos, vacas e cavalos / Todos unidos na lida. / Bichos da Inglaterra e da Irlanda, / Daqui, dali, de acolá, / Levai esta minha mensagem / E o futuro sorrirá. (ORWELL, 2007, p.16-17).

Quando paramos para refletir sobre a letra da música, o que antes parece ser a conquista da liberdade e de poder viver com dignidade, esta esperança se

transforma em frustração porque os animais tornaram-se escravos. E tudo o que antes tinha por referência, a igualdade entre todos os seres, foi sendo alterado de forma significativa, pois até a construção da bandeira descrita no romance como sendo uma bandeira verde, em que o chifre e o casco representavam a igualdade entre os animais, também teve o sentido ressignificado para “Viva o Camarada Napoleão” (ORWELL, 2007, p.92), Frase muito usada para exaltar o seu superior, tidas como normais entre líderes de regimes autoritários para convencer a massa e fazer com que sejam tidos como heróis.

Ao suprimir os elementos que davam identidade aos animais como seres igualitários, Napoleão implanta o seu regime autoritário impondo o seu poder e ao mesmo tempo recebe dos animais honrarias e méritos mesmo que isto seja o resultado de uma prática coercitiva. Para tentar amenizar o sentimento de desagravo pela proibição de se executar a canção “Bichos da Inglaterra”, foi composta outra canção que deveria ser entoada aos domingos: “Granja dos Bichos, Revolução dos Bichos, Nenhum de nós jamais te fará mal” (ORWELL, 2007, p.74). Para reforçar esta tentativa de manter a ordem por meio do controle, foi escrito na parede do estábulo um poema, com a mensagem que marcava este novo período dizendo assim:

Amigo dos orfãozinhos! / Fonte da Felicidade! / Senhor do balde de lavagem! Oh, minh'alma arde / Em fogo quando eu te vejo / Assim, calmo e soberano, / Como o sol na imensidão, / Camarada Napoleão! / Tu és aquele que tudo dá, tudo / Quanto as pobres criaturas amam. / Duas barrigas cheias por dia, palha limpa onde rolar; / Os bichos todos, grandes, pequenos, / Dormem tranquilos, enquanto / Zelas tu por nós na solidão, / Camarada Napoleão! / Tivesse eu um leitão e, / Antes mesmo que atingisse / O tamanho de um barril ou garrafão, / Já teria aprendido a ser eternamente / Teu fiel e leal seguidor. E o primeiro / Guincho que daria meu leitão seria / “Camarada Napoleão!”. (ORWELL, 2007, p.77-78).

Quando analisamos a mensagem explícita no poema, mais uma vez podemos perceber o poder do discurso sempre de forma enfática porque esta é a intenção de Napoleão: ser reconhecido como um grande líder que não deixa nada faltar para os seus companheiros e mais uma vez tenta transmitir a mensagem de que tudo está no controle e na paz e prosperidade idealizadas desde a época de Major. Por isto é importante compreender o discurso de cada respectivo personagem: tudo o que fosse noticiado por Napoleão ou por Garganta seria para o bem comum.

Portanto, o romance nos mostra conflitos de ordem político-social e econômica que abalaram profundamente a estrutura da república idealizada pelos líderes da revolução dos bichos, conflitos que vão surgir como fatores preponderantes para que haja articulações políticas, econômicas e sociais dentro daquela configuração de república institucionalizada e regimentada pelo animalismo, um sistema corrompido, que distancia os ideais da revolução dos bichos do seu plano inicial.

5 UMA GRANDE ALEGORIA: PERSONAGENS FICTÍCIOS VERSUS PERSONAGENS HISTÓRICOS.

Ao expor um tema que é de grande importância para a humanidade, Orwell nos faz entender como é representado cada personagem no romance e qual é a função que cada um desses personagens vai desenvolver por meio desse processo comparativo:

Na obra, os porcos Napoleão e Bola-de-Neve, respectivamente, são a representação caricatural de Stálin e Trotski. Algum tempo depois da revolução dos bichos, as coisas começam a mudar na Granja dos Bichos. Napoleão e Bola de Neve se desentendem e logo Napoleão expulsa seu antigo aliado com violência da Granja. Esse episódio na URSS acontece entre Stálin e Trotski, marcando o início da ditadura Stalinista. Passa-se, portanto, a se fazer cultos à personalidade de Stálin, líder do Estado. O mesmo ocorre n'*A Revolução dos Bichos*. E esta função, na narrativa, é desempenhada pelo porco Garganta e pelas ovelhas. Estas repetiam a máxima dos Sete Mandamentos da Revolução dos Bichos como justificativa às atitudes totalitárias do governo de Napoleão, como, por exemplo, a chacina de animais e a expulsão de Bola-de-neve, quer dizer, era uma forma de ameaçar os animais, pois as ações do governo Napoleônico eram para se evitar a volta da espécie humana à Granja. (SANTOS, MATOS, e OLIVEIRA, p.6).

A citação faz uma correlação entre os personagens históricos e fictícios, onde ambos têm a sua importância dentro de seu contexto de atuação. No campo histórico, personagens como Stálin e Trotski representam o contexto da revolução russa, em que estão presentes as causas e as consequências que levaram a Rússia a viver uma revolução e como foi implantado o regime socialista. Em relação à produção literária, podemos observar que os personagens fictícios se aproximam dos personagens históricos para que seja possível fazer este diálogo, e assim refletir sobre os interesses que são fomentados, seja de forma individual ou coletiva.

Dessa forma, o autor se apropria de personagens animais, dando-lhes vozes para interagir com um universo cujo conflito é um fator determinante para que ele possa expor o seu pensamento.

Através dessa leitura, podemos demarcar a alegoria em *A Revolução dos Bichos* como uma forma de mostrar que os princípios iniciais das revoluções teriam sido esquecidos por parte de seus respectivos idealizadores diante da possibilidade deles obterem vantagens pessoais.

De acordo com o romance, alguns dias depois da convocação “[...] dos “camaradas”, Major vem a falecer. Assim, Napoleão, Bola-de-Neve e Garganta assumem a liderança da rebelião, que culmina com a expulsão do Sr. Jones, proprietário da granja” (ARARIPE, p.6). Neste momento, Napoleão troca o nome da granja do solar para a granja dos bichos.

Ao falar do autor e da obra como parte desse processo de leitura, Tecchio (2010) afirma que:

As leituras realizadas sobre George Orwell permitem considerar a possibilidade de que suas obras não sejam apenas relatos ficcionais. Trata-se, com efeito, de “representação”, isto é, relatos históricos de eventos vividos pelo escritor que, de forma paralela, parecia filosofar sobre as mazelas que afligiam a sociedade: acontecimentos circunstanciais, contemporâneos ao período da produção de suas obras. (p. 21-22).

A obra nos induz a ter este olhar, embora em sua narrativa George Orwell não demonstre explicitamente sua crítica à Revolução Russa. Através da leitura do romance podemos identificar que “alegoria é a metáfora continuada de [...] pensamento e consiste na substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a este mesmo pensamento”. (HANSEN, 2006, p. 3)

Segundo Silva & Seidel (2016), podemos afirmar que *A Revolução dos Bichos*, é um romance de tema complexo, porque apresenta “as análises sociais e políticas [...] percepções singulares e individuais que possibilitam a um livro diferenciar-se dos demais [...] a fortuna crítica de *A Revolução dos Bichos* está alicerçada sobre fatores externos à obra” (p.10).

Quando falamos em fatores externos, é importante compreender que o romance foi publicado em 1945, no início da Segunda Guerra Mundial, e que naquele momento a humanidade vivia um grande conflito de ordem social, política e econômica. É nesse contexto de guerra que Orwell escreve o romance e nele

imprime o seu olhar para que o leitor faça uma reflexão a partir da narrativa que lhe é apresentada.

Partindo do princípio de que o romance apresenta esta alegoria, onde os líderes da Revolução dos Bichos são inspirados nos líderes da Revolução Russa, identifiquemos suas aproximações em uma tabela:

Figura 1

O animalismo	O socialismo ou o comunismo
O Solar dos Bichos	União Soviética
O canto bichos da Inglaterra	A Internacional Socialista
Os porcos	A burocracia soviética
Os homens	A burguesia
Os animais	O proletariado
Sr. Jones	O czar Nicolau II
O velho Major	Marx/Lênin
Napoleão	Stálin
Bola de Neve (Snowball)	Trotsky
As ovelhas	A massa alienada
Os cachorros	A polícia política (KGB)
Sansão (Boxer)	O trabalhador iludido
O corvo Moisés	A Igreja Ortodoxa
O porco Garganta (Squealer)	A propaganda
A bandeira verde com o chifre e o casco	A bandeira soviética com a foice e o martelo

Fonte: <http://republicasocialista.blogspot.com/2012/12/ficcao-e-historia-em-revolucao-dos.html>

Quando observamos no quadro as representações dos personagens do romance em relação aos personagens da Revolução Russa, visualizamos as representações institucionais presentes tanto nas ordens política e econômica e como também na organização social, cujo o princípio do animalismo também caracteriza o sistema comunista russo.

Sendo assim, podemos observar neste quadro demonstrativo que o sistema do animalismo desenvolvido pelo porco Major na revolução dos bichos pode ser visualizado como o socialismo ou o comunismo em relação à Revolução Russa liderada por Marx em simbiose com Lênin. A granja do solar, “O Solar dos Bichos” se traduz como sendo a União Soviética que era o regime socialista. O canto “Bichos da Inglaterra”, que em sua letra transmitia a esperança e dignidade a todos os bichos pode ser entendida como sendo a Internacional Socialista que visava a divulgação e implementação do Socialismo democrático.

Ainda comparando os personagens, temos os porcos, que por serem representados como sendo os mais inteligentes são comparados com a burocracia soviética, pois gozava de privilégios e vantagens inacessíveis para a restante da população do país. Os homens são comparados a burguesia, porque eles eram a elite dominante. Naquele regime os animais são representados como o proletariado classe de trabalhadores. O Sr. Jones pode ser visto como o Czar Nicolau II, monarca que dominava tudo. O Velho Major pode ser assimilado com Marx e Lênin personagens de grande importância para que a sua ideia pudesse servir de base para a Revolução Russa.

Napoleão pode ser associado a Stálin devido ao seu sistema de governo ditatorial. Bola-de-Neve (Snowball) pode ser associado a Trotski, devido a perseguição que ambos sofreram. As ovelhas podem ser vistas como a massa alienada, ou seja, a população que se iludia com a ideia de um lugar de igualdade. Os cachorros seriam a polícia política (KGB) que servia de proteção e ficavam a serviço de Napoleão, não só vigiando os animais, mas toda propriedade, ou seja, a polícia secreta soviética. Sansão (Boxer) representa o trabalhador iludido, por acreditar na força do trabalho e concordar que todos devem fazer a sua parte.

O corvo Moisés representa a Igreja Ortodoxa, porque como instituição religiosa, tem o poder de manipular as pessoas pelo discurso de paz e de uma vida melhor. O porco Garganta (Squealer) é associado a propaganda, é ele quem promove os discursos de Napoleão e faz com que os animais aceitem o que Napoleão determina, assim como a mídia, propaga os ideais de Stálin. A bandeira verde com o chifre e o casco pode ser comparada com a bandeira soviética com a foice e o martelo, porque ambas representam o ideal de igualdade, que poderia ser conquistado por meio da revolução.

Portanto, o romance nos mostra, por meio de sua narrativa alegórica, o poder do discurso quando ele é produzido de acordo com os interesses a serem alcançados. Sendo assim, os conflitos sociais, políticos e econômicos que abalaram as estruturas da humanidade não remetem somente no século XX, mas continuam a fazê-lo em pleno século XXI.

6 REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Quando refletimos sobre a crítica feita pelo autor de forma alegórica compreendemos que “[...] É o gesto de interpretação que realiza [...] a relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. [...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. [...] estão [...] ligados. Pela língua” (ORLANDI, 2012, p.47). Como forma de comunicação. Então:

[...] a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas; decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos. E aí não podemos evitar uma distinção produtiva que existe entre discurso e texto. Esta por sua vez, traz necessariamente consigo a que existe entre sujeito e autor. (ORLANDI, 2012, p.63).

A citação mostra a necessidade do autor de produzir uma narrativa, para que o leitor possa entender o discurso que é produzido por meio de suas ideias. Quando dialogamos com Maiguenau em relação às práticas discursivas ele também diz que:

Da minha parte defendo a ideia de que a atividade literária não traça suas fronteiras de maneiras indiferenciadas em todas as práticas discursivas da sociedade em que é exercida, mas entretém relações privilegiadas com outros tipos de discursos que como ela eu chamo de discurso constituinte. (2010, p. 60).

A citação reforça a ideia da importância do discurso a partir do lugar em que ele é produzido. Quando o autor fala em discurso constituinte, podemos compreender que não existe um discurso neutro, o que existe de fato é a intenção do autor sobre a forma de como ele vai falar de um tema, para que o seu posicionamento ideológico possa ser entendido pelo leitor. Pois as formas ideológicas podem ser compreendidas como “[...] instrumentos pelos quais são conscientizados [...] os problemas que preenchem (a) cotidianidade. Nesta perspectiva a ideologia percorre todas as ações humanas, não estando apenas presente no momento de crise”. (MAGALHÃES, 2012, p.36). Para resolver problemas.

Sendo assim, podemos dizer que a ideia de a literatura projeta “um discurso constituinte pode surpreender [...] porque [...] a literatura não é um discurso

fundador” (MAINGUENEAU, 2010, p. 61), mas podemos entender que ela é um meio pelo qual o autor pode falar de temas que são formadores de discursos, em produção literária ou não.

Portanto, quando dialogamos com a obra de Orwell podemos compreender que em *A Revolução dos Bichos* o autor expõe um momento da história da humanidade, conhecido como o período entre guerras, em que aconteceram duas grandes guerras, a segunda guerra mundial e a guerra fria, decorrente de posicionamentos ideológicos divergentes, marcada por uma política de blocos econômicos separatistas, que dividiu não só a Alemanha em, ocidental e oriental, mas também dividiu o mundo em simpatizantes do capitalismo ou do socialismo. Esta divisão durou até 1989 com a queda do muro de Berlim na Alemanha, cujo lado ocidental era capitalista e o oriental era socialista.

Quando lançamos um olhar ao tema proposto pelo romance *A Revolução dos Bichos*, especialmente ao nos referirmos a Napoleão, compreendemos a alegoria pretendida pelo autor evidenciada no discurso do personagem, que surge como forma de expor, por meio da ficção, um discurso crítico sobre a Revolução Russa de 1917.

A Revolução Russa foi um acontecimento muito importante para a história da humanidade, pois as fases que culminaram com a revolução de 1917, e fez com que a população russa que vivia em profunda crise econômica, pudesse se libertar do domínio opressor. Pois neste momento o país era governado pelo imperador que tem o título de Czar, sendo ele um governante autoritário e toda a população deveria estar submetida às suas ordens, inclusive a igreja católica ortodoxa. Então, a revolução com base nas teorias de Karl Marx não só alcançam o apoio popular, mas também do partido bolchevique. Isto faz com que os líderes da revolução Lênin, Stálin e Trotski sejam nomes de grande importância dentro desse contexto histórico porque com a morte de Lênin, Stálin e Trotski disputaram o poder e Stálin é o grande vencedor desse embate.

Em *A Revolução dos bichos*, Orwell conta a história dos animais que vivem na Granja do Solar, em que o proprietário, caracterizado como um homem que só sabe explorar os animais, não sabe fazer uma boa administração. Certo dia, o velho porco Major tem a inspiração de fazer uma revolução e nesta revolução o princípio do animalismo teria de ser colocado como regra de convivência social entre todos os animais, pois, todos os animais deveriam viver com igualdade. Mas com a morte do

porco Major, os porcos que são descritos na narrativa como sendo os mais sábios e os mais inteligentes expulsam os proprietários da granja e assim, há uma grande divisão não só entre os porcos, por causa de ideias contrárias de Napoleão, mas também entre os demais animais.

A partir daquele momento o porco Napoleão já se apresenta como o principal líder e coloca Bola-de-Neve como sendo o seu grande inimigo. Ao assumir o poder Napoleão instaura a sua ditadura, rompendo definitivamente com o plano inicial feito pelo extinto Major.

Consonante com o enredo do romance, no contexto político da Rússia em 1917 existia uma monarquia que era dona de grande parte das terras cultiváveis, enquanto a população vivia em extrema pobreza e sendo explorada. É naquela época que começam a surgir as manifestações populares onde se reivindicava uma melhor qualidade de vida e também o fim da Monarquia Czarista.

Com o surgimento da Revolução Industrial no século XIX, surge a classe operária, que com base nas teorias de Karl Marx, luta por direitos iguais. As ideias socialistas influenciaram a eclosão da revolução na Rússia que, conquistada por Vladimir Lênin, instaura o Socialismo. Este pode ser compreendido como sendo o sistema político e econômico criado para confrontar o liberalismo e o capitalismo, e é neste momento que acontece a eliminação da propriedade privada, é feita a divisão de bens entre a população.

Com a morte de Lênin, vamos ter o governo de Stálin, um governo autoritário que pode ser caracterizado como uma ditadura. Sendo assim, quando fazemos uma reflexão crítica em relação ao romance *A Revolução dos Bichos*, começamos a compreender como o Sr. Jones, o dono da granja, é descrito e como é organizado (a) a sua atuação em relação aos personagens não humanos.

[...] Jones fora, no passado, um patrão duro, mas competente. Agora estava em decadência. Desestimulado com a perda de dinheiro numa ação judicial, dera para beber muito além do que devia. Às vezes passava dias inteiros recostado em sua cadeira de braços, na cozinha, lendo os jornais, bebendo e dando a Moisés cascas de pão molhadas na cerveja. Seus peões eram vadios e desonestos, o campo estava coberto de erva daninha, os galpões careciam de telhas novas, as cercas estavam caindo, e os animais tinham fome. (ORWELL, 2007, p.9-20).

A citação faz referência à forma como o senhor Jones administrava a sua granja, sendo possível correlacionar este personagem ao czar, Nicolau II, pois assim como acontece no romance, a nobreza explorava as pessoas que trabalhavam no campo, enquanto a população passava fome.

Em decorrência dos fatos que se agravavam a cada dia, é possível visualizar a construção do personagem Major, um porco que é caracterizado como o de mais valor entre os demais animais da fazenda. Em seu discurso, Major diz:

Então, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos o mínimo alimento necessário para continuar respirando, e os que podem trabalhar são exigidos até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade. Nenhum animal na Inglaterra sabe o que é felicidade ou lazer, após completar um ano de vida. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida do animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua. [...] "Não está, pois, claro como água, camaradas, que todos os males da nossa existência têm origem na tirania dos humanos? Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja só nosso. [...] fixai isso, camaradas, para o resto de vossas curtas vidas! E, sobretudo, transmiti esta minha mensagem aos que virão depois de vós, para que as futuras gerações continuem na luta até a vitória. [...]" (ORWELL, 2007, p.12)

A citação a cima mostra o breve discurso do porco Major, que está presente logo no início do livro, quando o personagem já demarca a sua posição ideológica para convencer os outros animais de que seria preciso fazer uma revolução para expulsar os proprietários da fazenda, porque os humanos os exploravam por meio da força do trabalho. Estes argumentos lembram a teoria de Karl Marx, em que ele critica a forma de produção e faz a sua crítica ao capitalismo. Um fator importante é observar a expressão "Camaradas", usada pelo porco Major em seu discurso, que remete à forma que Lênin, personagem histórico, se utiliza para estabelecer um canal de contato com as pessoas para fazer a crítica e também para falar do socialismo.

Ainda neste contexto, podemos observar que o discurso de Major tem possíveis aproximações com os discursos de Karl Marx, pois, ambos professam a mesma ideia, de acabar com a exploração por meio da força do trabalho. Ele faz a sua crítica colocando que o homem explora o próprio homem, e o porco Major defende que o homem explora os animais, que para sobreviverem só recebem o que

é necessário para ter forças para continuar trabalhando e produzindo incansavelmente para os homens. A citação abaixo explica que:

[...] a taxa da mais-valia indica a decadência do atual sistema econômico e social. É como germe de corrupção a minar o colosso do capitalismo. Mais cedo ou mais tarde, o regime econômico responsável pela situação sócio-política do mundo de hoje desmoronará, corroído pelos vícios da própria organização. Como assim? Apropriando-se do valor de uso do trabalho manual, o patrão, dia a dia, acresce a própria riqueza. As riquezas aumentam e concentram-se nas mãos de uns poucos. Ao mesmo tempo, o proletariado, sempre mais numeroso, recebendo só o salário de fome (valor de troca do trabalho), acumula pobreza e miséria sobre a face da terra. Vai assim tomando proporções sempre maiores a disparidade entre as duas classes. Isso dá origem à oposição entre ambas, até o momento extremo da deflagração de conflito revolucionário, fatal para a minoria enriquecida. À oligarquia plutocrata sucederá o domínio do proletariado. (MARX, 2011, p. 67)

Desta forma, a citação mostra a exploração do trabalho, onde a mais-valia é o fator determinante para gerar o lucro, e Karl Marx faz a sua crítica ao modo de produção onde os trabalhadores eram escravizados pelo modo de sistema econômico capitalista. É nesse contexto que inserimos os personagens Napoleão, Bola-de-neve, e o porco Garganta como propulsores das ideias do porco major, porque eles também criticam o modo de produção onde os animais também são explorados, e, assim segundo a narrativa, Bola-de-Neve seria[...] “mais ativo do que Napoleão, de palavra mais fácil, mais imaginoso, porém não gozava da mesma reputação quanto à solidez do caráter” (ORWELL, 2007, p.18-19). Ele seguia as instruções do porco Major, onde o animalismo é o principal conjunto de leis a serem obedecidas.

Quando fazemos uma leitura do personagem Napoleão, observamos que ele já demonstra os seus objetivos desde o momento em que se opõe aos ensinamentos do velho Major e por ter Bola-de-Neve como seu concorrente ele se torna o seu principal opositor. Garganta é descrito na narrativa como o porta voz do esperto Napoleão, reproduzindo por meio do seu discurso as ideias repressivas de seu líder:

Garganta em seus discursos, com lágrimas rolando pelo focinho, falava da sabedoria de Napoleão, da bondade de seu coração, do profundo amor que devotava aos animais de toda parte, mesmo – e especialmente – aos infelizes animais que ainda viviam na ignorância e na escravidão em outras granjas. Tornara-se comum dar a

Napoleão crédito por todos os êxitos e todos os golpes de sorte.
(ORWELL, 2007, p.77)

Pondo em paralelo as duas revoluções, podemos dizer então que a fase da perseguição é o clímax que faz a história ter o desfecho final, assim como Napoleão expulsa bola de neve e o acusa de ser um traidor, Stalin também persegue e expulsa Leon Trotski da Rússia, e implanta o seu governo stalinista no século XX, assumindo de forma definitiva uma ditadura que durou até 1953.

Portanto, a alegoria presente na narrativa de *A Revolução dos Bichos* expõe o olhar crítico e sarcástico do autor ao falar de fatos históricos, em que o regime totalitário de Stalin assume um grande destaque devido à supremacia da União Soviética. Por isto observamos a necessidade de o autor falar de um tema que é de grande importância não só para as pessoas que viveram no século XX, mas também para os dias atuais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura, como uma forma de comunicação, nos leva a refletir e a questionar sobre as relações humanas que são construídas e consolidadas independentes do tempo ou da época, pois o discurso é produzido conforme o interesse a ser alcançado.

Quando estabelecemos um diálogo com a manifestação de poder no discurso de Napoleão, observamos que, de acordo com as considerações de Foucault em *A Ordem do Discurso* (2009), este poder presente na narrativa do romance de George Orwell, além de ser um fator que corrompe, também pode reprimir, se usado de forma autoritária para obter a subordinação de outras pessoas em relação a quem faz o uso do poder em prol de seu próprio benefício. Neste caso específico, Napoleão submete os animais da Granja dos bichos a serem submissos a ele.

É neste contexto que inserimos o romance e, a partir dele, apontamos este processo da legitimação do poder do personagem Napoleão como sendo o grande líder após a morte de Major, o mentor da revolução dos bichos, cuja república idealizada deveria ser um lugar onde os animais pudessem viver com liberdade e dignidade.

A leitura do romance *A Revolução dos Bichos* nos mostra, em síntese, que o ser humano também pode usar esse poder para submeter outras pessoas a viverem

reprimidas dentro de um pensamento onde não existe liberdade de escolha. A obra de George Orwell, à primeira vista, pode até parecer uma narrativa cômica onde os donos da fazenda subjagam os animais aos seus próprios interesses, mas quando os animais se rebelam, eles deixam de ser protagonistas para serem os antagonistas do enredo.

Conclui-se, portanto, que apesar de o romance ser uma história fictícia onde os animais se humanizam e passam a ter práticas e hábitos sociais iguais aos humanos, a obra tem por objetivo intuir no leitor o pensamento de que, para além da crítica das relações humanas que são construídas e consolidadas com o tempo, estas tendem a se degenerar e podem vir a ser um fator de conflito social.

REFERÊNCIAS

ARARIPE, Rafaela Dourado de. **A manipulação do discurso na legitimação das relações de poder na perspectiva da obra de George Orwell “A revolução dos bichos”**. 2009.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 10. Ed. Ouro sobre azul, Rio de Janeiro, 2008.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo** - 34 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria, Construção e Interpretação da Metáfora**. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes: Uma vida no século XX**. Companhia das Letras, 2002.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. Tradução: Renato Janine Ribeiro, Sílvia Lara ribeiro. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

MAGALHÃES, Belmira. **Discurso, ideologia, inconsciente**. Rio de Janeiro: 7Letras: Faperj, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução: Adail Sobral... [et al.]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARK, Karl. **Ou A sociologia do Marxismo**. São Paulo: Escala, 2011.

MORE, Thomas. **A Utopia**. Tradução: Luís de Andrade.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos** – 10 Ed. Campinas, SP. Pontes Editores, 2012.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos: um conto de fadas**. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SANTOS, Fernanda Cristina N. dos; MATOS, Luciene; OLIVEIRA, Lucilene de. **Uma Discussão sobre os Elementos Utópicos e Distópicos em A Revolução dos Bichos**. 2010.

SEIDEL, Verônica Franciele; SILVA, Charlies Uilian de Campos. **A Revolução dos Bichos não Humanos: Uma Análise Anímalésca e Abolicionista**. Londrina, Volume 17, jul. 2016.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: Atual, 1988.

REFERÊNCIAS ON-LINE

Em:<http://republicasocialista.blogspot.com/2012/12/ficcao-e-historia-em-revolucao-dos.html> Acesso em 14/11/2019.

Em:<https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/download> Acesso em 16/072019.

Em:<https://diadacultura.wordpress.com/category/a-revolucao-dos-bichos/> Acesso em 20/11/2019.